

O BELO, ALÉM DA BELEZA, E A RECEPÇÃO DO FEMININO GRECO-ROMANO NO CANCIONEIRO PARAIBANO DE CHICO CÉSAR E ZÉ RAMALHO

Edjane Henrique de Oliveira Silva¹
Michelle Bianca Santos Dantas²

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2023.v16.41054>

RESUMO: No que se refere ao estudo dos mitos, um aspecto que julgamos ser fundamental é o seu alcance universal, como aquele em que se vê o seu direcionamento às mais diversas formas de conhecimentos e culturas. Especialmente, nosso interesse é ainda maior quando essa presença se faz notória na cultura brasileira. Como sabemos, as narrativas míticas são reinterpretadas por diversos autores e artistas, conduzindo criações artísticas que expressam ideias e emoções de maneira poética e simbólica. Além disso, a mitologia oferece uma rica fonte de histórias adaptáveis, permitindo reflexões contemporâneas sobre valores históricos e representativos. E, diante dessa percepção interpretativa e intertextual, artistas como Zé Ramalho, Chico César e Chico Buarque, entre outros, fazem uso dessas histórias mitológicas em suas composições. Com isso, este artigo visa explorar a presença da mitologia nas canções populares, particularmente, nas que expressam uma ênfase nas figuras femininas míticas, como fundamentação de análise da recepção do feminino em sua abordagem, não só na Antiguidade, como nos tempos atuais, de modo que possamos contribuir para uma compreensão do feminino no mundo clássico sob uma perspectiva atemporal. Para tanto, dialogaremos com autores como Martha Robles (2019), Luciana Ferreira Mendonça (s/d), Marta Mega de Andrade (2003), Airan Borges dos Santos (2020), Verônica de Fátima Gomes Moura (2011), Pierre Bourdieu (1989) e Marcus Reis Pinheiro (2010). Com esse propósito, realizaremos a exposição de três tópicos: 1. Além da beleza, a essência do Belo e sua dimensão: contextualização sobre o feminino e o belo na Antiguidade; 2. Entre objetificações e sentidos genuínos: a recepção da mulher da Antiguidade greco-romana no cancionero popular de Zé Ramalho e Chico César; 3. Análise da representação feminina greco-romana em “Mulher nova, bonita e carinhosa”, de Zé Ramalho. Ao longo dos tópicos propostos, abordaremos como cada um se correlaciona entre si, abarcando os métodos de estudo e análise para alcançar tal objetivo de pesquisa.

Palavras-chave: Cancioneiro popular; Chico César; Feminino; Mitologia clássica; Zé Ramalho.

ABSTRACT: Regarding the study of myths, one aspect that we believe to be fundamental is their universal reach, as one in which one sees their direction to the most diverse forms of knowledge and

¹ Estudante de graduação do curso de licenciatura em Letras – Português, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Mamanguape, Paraíba. E-mail: edjaneoliveira484@gmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3546-1304>.

² Universidade Federal da Paraíba – UFPB/PPGCR/PROFLETRAS; Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Departamento de Letras, Mamanguape, Paraíba. E-mail: michellebianca86@hotmail.com; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1127-101X>.

cultures. Especially, our interest is even greater when this presence is notorious in Brazilian culture. As we know, the mythical narratives are by several authors and artists, conducting artistic creations that express ideas and emotions in a poetic and symbolic way. In addition, mythology offers a rich source of adaptive stories, allowing contemporary reflections on historical and representative values. And, given this interpretative and intertextual perception, artists such as Zé Ramalho, Chico César and Chico Buarque, among others, make use of these mythological stories in their compositions. Thus, this article aims to explore the presence of mythology in popular songs, particularly in those that express an emphasis on mythical female figures, as a basis for analysis of the reception of the feminine in their approach, not only in antiquity, as in modern times, so that we can contribute to an understanding of the feminine in the classical world from a timeless perspective. Therefore, we will dialogue with authors such as Martha Robles (2019), Luciana Ferreira Mendonça (undated), Marta Mega de Andrade (2003), Airan Borges dos Santos (2020), Verônica de Fátima Gomes Moura (2011), Pierre Bourdieu (1989) and Marcus Reis Pinheiro (2010). With this purpose, we will exhibit three topics: 1. Besides beauty, the essence of Beauty and its dimension: contextualization about the feminine and the beautiful in antiquity; 2. Between objectifications and genuine senses: the reception of the woman of Greek Antiquity in the popular songbook of Zé Ramalho and Chico César; 3. Analysis of the Greco-Roman female representation in “Mulher nova, bonita e carinhosa” [“Young, beautiful and affectionate woman”], by Zé Ramalho. Throughout the proposed topics, we will address how each one correlates with each other, encompassing the methods of study and analysis to achieve this research objective.

Keywords: Chico Cesar; Classical Mythology; Feminine; Popular songbook; Zé Ramalho.

Introdução

Sabemos que tamanha é a força produtiva das narrativas míticas, em nossa sociedade, pois, mesmo passados tantos séculos, elas transpõem barreiras histórias, geográficas, culturais enfim. Isso porque elas possuem uma universalidade que comunica, ensina, produz, reproduz e transgride, fazendo-se presente na obra de grandes autores nacionais e internacionais, como Ariano Suassuna, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Cecília Meireles, Dora Ferreira, Hilda Hilst, Oscar Wild, Ferreira Gullar, entre tantos outros.

Além do mais, esses mitos estão presentes, em outros gêneros artísticos, como a pintura, a charge, o teatro, a música etc. No caso dessa última, ouvimos corriqueiramente o cancionário brasileiro reportar relações com os mitos, promovendo um rico diálogo da brasilidade com as suas multifacetadas culturas. Por exemplo, ao ouvirmos *Sampa*, de Caetano Veloso, e *Gota d'água*, de Chico Buarque, acabamos por nos confrontar com alguma referência mítica que nos desperta curiosidade. No caso da primeira, temos o mito de Narciso, enquanto a peça buarqueana aborda o tema da narrativa de Medeia e Jasão.

Acreditamos que essas relações intertextuais aguçam a nossa percepção semântica e promovem-nos uma rica cadeia de significados. Esses artistas, notadamente caracterizados pela expressão sociocultural de nosso povo, realizam muitas vezes uma relação produtiva e rica de significados com as diferentes raízes culturais brasileiras. Como diz Brandão (1993, p.

10-11), a busca pela identidade brasileira passa pelo reconhecimento multicultural de suas raízes: indígenas, africanas, asiáticas europeias enfim.

O mito de Helena é-nos exemplar dessa prerrogativa, tanto que a representação de sua avassaladora e destruidora beleza está presente, desde os mais antigos textos, como os de Homero, Ésquilo, Eurípedes, Colutos, como também nas produções populares, demonstrando o seu amplo alcance. Para tanto, lembremos do cordel de um dos maiores repentistas do Brasil, o pernambucano Otacílio Batista, que compôs “Mulher nova, bonita e carinhosa, faz o homem gemer sem sentir dor”³, e que, posteriormente, foi musicado por Zé Ramalho. Nessa canção, o eu-lírico, a fim de enfatizar o poder do encanto proporcionado pela beleza de uma jovem mulher, recorre a um percurso histórico e mitológico, desde a paixão de Páris por Helena, a de Alexandre por Roxana, a retratada na poesia de Cervantes, até chegar à paixão de Virgulino por Maria Bonita.

Assim, podemos observar a grandeza e a universalidade da mitologia clássica, que atravessa o tempo e a geografia, visto que interage com o tradicional, o popular, o moderno, por sua atemporalidade. Justificamos também a importância de estudarmos as representações de mitos clássicos greco-romanos, não apenas por seu caráter atemporal, e sim por sua contemporaneidade. Como diz-nos o filósofo italiano Giorgio Agamben (2009, p. 69), a separação entre passado e presente, o clássico e o contemporâneo, muitas vezes, escondem-nos a concatenação e a fluidez dos tempos, visto que o acesso ao presente se dá por uma arqueologia sem regresso. Ele considera que a contemporaneidade está, não apenas no presente, mas, sobretudo, no arcaico, já que este indica o que está próximo à origem e, não, necessariamente, ao passado cronológico. Nesse sentido, um texto é contemporâneo, não por sua datação, e sim por sua capacidade de se fixar e, ao mesmo tempo, de ir além do seu período de produção. O que faz um texto ser contemporâneo é a sua relação interdependente com o tempo, porém, num processo de aproximação e distanciamento, simultaneidade e anacronismo. Por isso, inclusive, o filósofo completa que os autores que coincidem impecavelmente com sua época de produção “(...) não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (Agamben, 2009, p. 59).

Diante o exposto, este artigo tem como finalidade explorar, de forma mais específica, as narrativas míticas, aprofundando-se em canções que representam a importância do viés mítico e feminino na mitologia grega. Por meio dessas produções, buscaremos compreender as particularidades ideológicas da época em que foram produzidas e entender como a mitologia pode ser vista como fonte primária das dimensões que caracterizam a mulher no mundo clássico.

Frente às narrativas míticas, que complementam a inserção mitológica na contemporaneidade, desde a Antiguidade, o olhar para com o feminino e a noção de beleza é

³ Este cordel ficou afamado pela musicalização feita por Zé Ramalho e pela célebre interpretação da cantora cearense Amelinha. Essa canção foi, inclusive, da trilha sonora da premiada minissérie e do filme “Lampião e Maria Bonita” (1982).

um tema central presente nas artes, na filosofia e na cultura em geral, uma vez que o ideal de beleza greco-romana influenciou profundamente a arte e a cultura ocidental. No entanto, o conceito de belo é mais complexo do que a mera aparência física, como, muitas vezes, é pensado. Além disso, a recepção da figura feminina greco-romana na arte é um assunto de grande polêmica, ao longo dos séculos, pois, mesmo com o passar dos anos, a mulher ainda é vista como símbolo estereotipado que envolve a beleza física idolatrada como parte primordial das suas qualidades como mulheres, independente das suas qualidades e méritos.

Neste trabalho, discutiremos o significado do belo, além da beleza, e como a figura feminina greco-romana foi recebida, desde o mundo clássico, até os dias atuais. Além do mais, objetivamos refletir como essa abordagem, que visa o conhecimento da mulher sob a forma de personagens míticos reconhecíveis universalmente, gera composições e histórias de grande reconhecimento artístico e literário, porém, ainda pouco discutida no âmbito social e contemporâneo.

Para realizar essa análise, iremos utilizar, ao longo deste artigo, além das referências bibliográficas, algumas canções populares brasileiras, mais especificamente do cancioneiro paraibano de Chico César e Zé Ramalho, que são particularmente ricas em referências míticas femininas. Através dos textos selecionados, veremos como eles abordam essa identidade da mulher, na Antiguidade clássica, para que melhor possamos refletir sobre essa *mimesis* e quais os seus sentidos. As composições selecionadas trazem particularidades e interpretações, que visam o exemplo do Belo e a manifestação da essência de como se concebe o mundo clássico em relação às identidades femininas.

Buscaremos, portanto, com essa estrutura do cancioneiro, uma forma de analisar e alcançar a visibilidade das personagens femininas, na música popular, como uma forma de se conectar com as histórias e as tradições culturais mais amplas, dando propósito ao protagonismo da mulher, sob uma visão social e histórica, enquanto se mantêm fiel à riqueza e diversidade das tradições musicais. Portanto, é necessário entendermos que essa prática de pesquisa contribui para construção de pontes culturais entre diferentes países e povos, criando um diálogo mais amplo, diversificado e significativo sobre a natureza universal da música e da percepção da mulher como papel de fundamentação central na Antiguidade (entre o sacro e belo) das representações femininas. Através de estudos dessa natureza, é imprescindível entendermos como essas histórias foram transmitidas temporalmente e como foram incorporadas na cultura brasileira até agora. Além do mais, essas análises nos permitem uma reflexão sobre como essas mulheres se adaptaram à realidade e como foram reinterpretadas pelos artistas locais, autores e escritores diante das suas canções e obras transmitidas.

Além do mais, a análise do papel da mulher na Antiguidade pode nos levar a compreender a continuidade de processos que se estendem até a modernidade, tendo em vista a influência duradoura da cultura greco-romana na representação do feminino e na sociedade em geral. Essa influência retrata as mulheres num estereótipo preconcebido pela sociedade, desde os tempos antigos até a atualidade, impactando, não apenas a arte, mas também a política, a língua e a cultura como um todo. Assim como na mitologia, apresentando várias deusas e heroínas, como personagens que representam força, inteligência e coragem, todo esse

protagonismo inspirou e continua a inspirar a representação artística de muitas mulheres ao longo do tempo, encorajando-as a se reconhecerem e a reivindicarem o seu lugar de confirmação social.

1. Além da beleza, a essência do Belo e sua dimensão: contextualização sobre o feminino e o belo na Antiguidade

Na Antiguidade Clássica, a beleza era vista como uma qualidade divina, e os deuses eram representados geralmente como seres perfeitos e belos, personificando harmonia e perfeição estética altamente valorizada e considerada um sinal de excelência diante do divino. Esses deuses eram frequentemente descritos como seres de beleza incomparável, uma perfeição que representava a grandiosidade divina e bela, representando um ideal de perfeição que os humanos procuravam sempre alcançar. Os antigos gregos acreditavam, muitas vezes, que a beleza era um reflexo da bondade e da virtude, acreditando que aqueles que possuíam características físicas bonitas. Como nos explica Marcos Pinheiro (2010), além de serem comparados aos deuses, poderiam também ser virtuosos e mais propensos a serem bem-sucedidos em todas as áreas da vida, principalmente quando se tratava da virtude. Nesse sentido, iremos nos debruçar um pouco mais além dessa beleza física, invejável e admirada sobre os humanos daquela época, e compreender como essa beleza está associada com as questões de virtude e honra para um grego, e como eram caracterizados todos esses trâmites que buscamos analisar sobre a dimensão que vai além da estética.

O conceito de *areté*, conceito filosófico grego que significa excelência ou virtude moral para a cultura grega antiga, era considerado uma qualidade do indivíduo que se destacava em suas ações, suas conquistas e suas batalhas, isso é exemplificado pelos homens e heróis clássicos, que circunstavam as batalhas gregas, resultado de sua educação, treinamento e esforços pessoais em busca de se tornar um ser humano virtuoso diante dos deuses, com características que envolvia o homem a um ser sábio e de grande moral, como exemplo de Aquiles, herói clássico que busca a *areté*. Ele é descrito como um guerreiro corajoso e habilidoso, sempre em busca de superar seus próprios limites e alcançar a excelência em suas destrezas, sendo visto como um modelo de virtude e honra, Aquiles buscava ser respeitado não apenas por seus companheiros, mas também pelos seus inimigos, devido às habilidades em combates dos quais participava, como evidenciado na versão homérica da guerra de Tróia.

Sob outra perspectiva, temos o *Kalón* (o belo, em grego), podendo ser entendido como uma qualidade moral, relacionada à ideia de que o belo e o bem podem estar intimamente ligados, como afirma Marcos Pinheiro (2010). Para os filósofos gregos, uma pessoa que possuía a Beleza era alguém que havia alcançado a excelência moral e, que tinha *areté*, em um sentido ético, indo além de sua beleza física, atraindo admiração por qualidades morais. Tal busca por essas virtudes emergiam uma força espiritual complacente a dos deuses, a busca pelo aperfeiçoamento e admiração, independentemente de sua realidade. Os gregos, portanto, buscavam uma relação orientada pelo divino para a realização de suas forças, sendo elas

espirituais ou morais, pois naquela atmosfera de sacralidade envolvida, a busca por atingir virtudes era considerada um empreendimento de desenvolvimento pessoal. Acreditava-se que a virtude era uma disposição interior, que levava as pessoas a agir de maneira correta e justa, sendo capaz de ser cultivada de maneira interna e subjetiva.

Agora analisemos como essa beleza se diferencia da beleza da mulher na Antiguidade, pois acabamos de ver acima que ela caracterizava aos homens de maneira mais virtuosa, cheia de propósito, força, virtude e benevolência, envolvendo o divino e sua excelência como ser humano. Entretanto, a figura feminina na Antiguidade grega era frequentemente retratada em esculturas e pinturas, muitas vezes, idealizada e estilizada de acordo com as crenças estéticas da época, que impregnavam na mulher uma visão estereotipada e, por vezes, altamente crítica em relação a sua beleza física e moral.

A ideia de que a beleza física é uma característica essencial para a mulher tem suas raízes profundas, e não é sem razão que essa concepção permaneça nos tempos atuais, pois ela se estende desde as culturas antigas até os dias de hoje. Em muitas dessas sociedades, as mulheres eram valorizadas tanto pela sua aparência física, quanto por suas virtudes morais, frequentemente criadas para se tornarem esposas belas e sábias, dotadas de boa educação feminina e excelente comportamento filial, visando à conquista e o respeito das suas virtudes e valores da época.

A beleza (física e moral), nesse caso, era frequentemente associada à juventude e a características morais, sendo comparadas a deusas que possuíam grande beleza estética e de valores exímios, como Afrodite e Atena, que possuíam representações distintas. Afrodite, a deusa do amor e da beleza, era caracterizada como uma figura feminina voluptuosa e sensual, enquanto Atena, a deusa da sabedoria e da guerra, era vista como uma figura atlética e virtuosa de olhar corajoso e complacente. Essas representações simbolizavam diferentes aspectos da feminilidade, mas ambas eram vistas como ideais de beleza e perfeição. Além do mais, elas expressavam outras virtudes, como a castidade, a sedução, a persuasão, diferenciando suas qualidades sob o viés estético físico que a sociedade impõe, em geral. Esta visão limita a liberdade de *ser* mulher em sua diversidade, reduzindo-a a simples objetos de desejo corpóreo, contemplação e, até mesmo, apropriação.

Na Antiguidade, sabemos que as mulheres enfrentavam desigualdades e limitações, em comparação aos homens, possuindo menos direitos e oportunidades. Suas virtudes corriqueiramente contrastavam com a visão masculina dos gregos, na cidade de Atenas, por exemplo, as mulheres não tinham direito ao voto e não podiam participar da vida pública, diferentemente dos homens, sendo historicamente marginalizadas na sociedade grega, especialmente na esfera pública e política. E, se pararmos para pensar, na posição das mulheres na *pólis*, fica evidente como essas implicações resultaram ou, ao menos, contribuíram com a posição delas na política contemporânea, pois recentemente tivemos esse direito de participação social. No entanto, esse fator ainda gera diversas complicações em nosso cotidiano, como se vê, na dificuldade de garantir o direito de expressão das posições políticas e na necessária participação das mulheres na luta pelos seus direitos como cidadãs para uma organização social, justa e igualitária. Em geral, essas mulheres eram educadas em

casa, onde aprendiam habilidades domésticas, como costurar, cozinhar, cuidar dos filhos e maridos, verdadeiras propriedades dos homens. A virgindade feminina, por exemplo, antes do casamento, era altamente valorizada, a ponto de as mulheres que não eram mais virgens serem vistas como impuras e desonradas aos olhos da sociedade.

Desse modo, a fim de entendermos essa contextualização, vejamos a associação de *mimesis* poética que se faz, em forma de canção, a partir da composição de Chico Buarque:

Mirem-se no exemplo
Daquelas mulheres de Atenas
Vivem pros seus maridos
Orgulho e raça de Atenas”
“Quando fustigadas não choram
Se ajoelham, pedem imploram
Mais duras penas; cadenas”
“Elas não têm gosto ou vontade
Nem defeito, nem qualidade
Têm medo apenas
Não tem sonhos, só tem presságios
O seu homem, mares, naufrágios
Lindas sirenas, morenas
As jovens viúvas marcadas
E as gestantes abandonadas
Não fazem cenas
Vestem-se de negro, se encolhem
Se conformam e se recolhem
Às suas novenas, serenas’.(Buarque; Boal, 1976).

A música “Mulheres de Atenas”, de Chico Buarque, traz-nos uma crítica social da opressão machista e opressiva, na Grécia antiga, em que as mulheres eram tratadas como objeto de submissão aos homens. A canção retrata a história em que as mulheres eram confinadas em casa e restritas, servindo apenas para cuidar dos afazeres domésticos, enquanto os homens desfrutavam da liberdade em participar da vida pública e política, envolvendo-se entre viagens e guerras, enquanto as mulheres se limitavam em exercer o seu papel de esposa: o de aguardar seus maridos, refletindo a dura realidade histórica da época. Essa canção também faz uma crítica à sociedade, em que as mulheres sofriam com a opressão machista com poucas oportunidades de participação ativa na política e na sociedade, inibindo seus direitos e desejos como cidadã, logo, estando restritas ao contexto doméstico. Ademais, a música denota perspectivas rígidas sobre as mulheres que eram desvalorizadas principalmente por suas virtudes morais, como já mencionado anteriormente, essas expectativas reforçavam a ideia de que o valor feminino estava internamente ligado à sua relação com os homens, fazendo uma crítica a desigualdade de gênero, não só na Grécia Antiga, mas também em contextos contemporâneos. Diante disso, é nítido que a participação feminina na sociedade vem sendo negada, a partir de um afastamento crítico e participativo da sociedade, distanciando, assim, a sua liberdade e protagonismo histórico.

Sob esse viés de reconhecimento, podemos exemplificar o papel feminino nas histórias clássicas em quem as mulheres eram obrigadas a abandonarem seus maridos com filhos pequenos no colo, perdendo seu amado para a guerra ou até para a morte. Esses eventos tinham um impacto devastador, em suas vidas, entretanto, essa faceta da história, muitas vezes, é silenciada e pouco evidenciada nos mitos gregos. O que acontece na vida das esposas e mães que perderam seus filhos e companheiros? Perguntas como essas já foram questionadas e muito mal compreendidas, sendo elas como papel de mães, esposas, irmãs ou filhas (como a drástica história de Antígona e Ismênia, filhas de Édipo). Podemos também usar como exemplo, a história de Andrômaca, mulher de Heitor, príncipe de Tróia, que, ao se despedir do marido, não encontra outra opção a não ser abandoná-lo para a morte. São dores como essas que são deixadas de lado e pouco refletidas e debatidas, pois era exatamente esse o papel imposto às mulheres, servi-los, esperá-los e, infelizmente, frequentemente abandonadas.

Outra figura de representação feminina que gostaríamos de destacar é a de Penélope, mulher de Odisseu, que após o desaparecimento do amado, mergulha em constante tristeza, esperando por anos o retorno do marido, que foi dado como morto. No entanto, na sociedade da época, uma mulher não poderia ser solitária por muito tempo. Assim, mesmo sendo pressionada, coagida e assediada pelos pretendentes que tanto duvidaram do retorno de Odisseu, Penélope permaneceu fiel a seu marido, resistindo à pressão social que esperava que as mulheres que perdessem seus companheiros logo se casassem novamente para obterem proteção e sustento. Sua resistência e fidelidade são um exemplo de força e coragem perante uma sociedade que era constantemente dominada pelo desejo dos homens. Sob essa visão patriarcal, conseguimos observar como ela se impõe e/ou resiste aos pretendentes, assim como ainda hoje é preciso, guardadas as especificidades contextuais, superar os assédios e subordinações, a fim de lutar por um lugar de expressão e vontades próprias.

São esses paradoxos e diversidades que ilustram a importância do feminino no contexto da Antiguidade, e que nos ensinam, não apenas subserviência e a invisibilidade, mas também resistência, luta, determinação e enfrentamento. Narrativas como as de Penélope e Antígona, por exemplo, promovem-nos uma reflexão acerca do papel real da mulher, no contexto greco-romano, para além dos estereótipos criados historicamente, como também debate Marta Mega Andrade (2003) no aspecto histórico. Nesse sentido, buscaremos, no cancionário selecionado, observar essas nuances, a partir do tópico a seguir.

2. Entre objetificações e sentidos genuínos: a recepção da mulher da Antiguidade greco-romana no cancionário popular paraibano de Zé Ramalho e Chico César

As músicas são importantes meios artísticos de explanação da arte e da cultura, e diante das suas simbologias conseguem trazer significados e diversas representações de acordo com suas letras, como discorrem Luciana Mendonça (s/d) e Verônica Moura (2011). A relação da poesia com a música vem sendo uma prática primordial, como se vê na cultura arcaica grega e em outros momentos, como, por exemplo, na época do trovadorismo. Através

de uma linguagem artística própria da canção, criando diálogos expressivos e várias camadas de significados e emoções, essas composições despertam curiosidade por parte de quem as ouve. As suas histórias, os seus versos, os seus mitos e as suas referências intertextuais fazem parte da cultura social, possibilitando uma rede de simbologia cheia de sentidos.

Referindo-se a simbologia e toda a sua marca que transborda a sociedade, Bourdieu (1989, p. 09) traz a reflexão de que o poder não se manifesta apenas por meio da força física ou econômica, mas também por meio do controle dos símbolos e dos significados culturais. O autor argumenta que as estruturas sociais são construídas e mantidas por meio de sistemas simbólicos, como a linguagem, as normas sociais, a cultura, as crenças e os valores compartilhados pela sociedade:

Os sistemas simbólicos, como instrumento e de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem *gnoseológica*: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) [...] (Bourdieu, 1989, p. 09).

Destacando a importância do campo cultural e social na luta pelo poder, Pierre Bourdieu (1989) destaca os agentes que exercem as suas visões de mundo e os seus diversos interesses, através da produção e controle dos bens simbólicos, tais como as do mundo social em que somos pertencentes. Fazendo-nos entender sob todas essas características que a canção, como parte de um compartilhamento social artístico e cultural, compõe e expressa toda uma simbologia inerente à sociedade, ela é, portanto, capaz de trazer significações e significados a um dado contexto do mundo.

Diante de todos esses processos sociais, estamos imersos em um universo simbólico que vai além da simples audição, envolvendo processos culturais e sociais que envolvem a construção do sentido em relação da própria música. Essa construção da simbologia é influenciada por agentes que efetuam o poder sobre a produção e controle dos bens simbólicos, conforme destaca Bourdieu (1989), em suas reflexões sobre a luta pelo poder no campo cultural e social. O mito, no que lhe concerne, é um elemento que contribui para a ressignificação artística presente nas canções, uma vez que traz uma carga histórica, simbólica, cultural e representativa, refletindo as visões de mundo das sociedades em que está presente.

Sendo assim, quando escutamos alguma música, podemos fazer uma breve análise de como os versos foram introduzidos diante dos contextos que trazem uma marca simbólica para o campo cultural e social. Elas nos fazem refletir sobre a proximidade das figuras míticas com os fatores inerentes ao campo social e simbólico, como na música “Pedra templo animal”, de Zé Ramalho (1975), em que percebemos o seu enfoque semântico que emana vários conhecimentos de referência e significações da mitologia greco-romana, vejamos:

Nefertiti
Afrodite

De forte beleza astral
Se mesclam com as visagens
Da pedra templo-animal

A sereia do mar
A sereia do mar

Por detrás do aparecido-branco morro de cristal
Por dentro da cachoeira nas pedras da catingueira
Nos ramos da cipó-pau

Entre as águas cristalinas
O lagarto que ilumina
E o canto do bacurau
Embaixo de Órion
Das estrelas pequeninas
Se deita pelas campinas a pedra templo animal

A sereia do mar
A sereia do mar

Você pode acreditar que com a cabeça bebendo
E o corpo formando um monte
Com a barriga pontilhada como a linha do horizonte
Brilhante dura e calada
Marcando o fim da estrada como um mistério gigante

A sereia do mar
A sereia do mar

A sereia do mar
A sereia do mar

No silêncio do sertão
Sol forte, fogo do dia
Cozinhando em nosso rosto o suor que escorria

Correndo molhando a pedra
Pingando na agonia
Como um rio de quem espera saber o que ela dizia (Ramalho; Cortês, 1975).

Na música “Pedra templo animal”, podemos perceber a referência mítica e a representatividade feminina de Afrodite. A deusa é vista como uma figura que representa tanto o amor, quanto a beleza, tema central que apresenta e configura o sentido da canção, intercalando e fazendo diversas referências a elementos da natureza, como pedras, rios, montanhas e animais. A associação frequente e marcante entre o universo natural e Afrodite é evidente, ao longo da música, e, na mitologia grega, a deusa é vinculada também à natureza, uma vez que o seu nascimento se originou das águas do mar, simbolizando a harmonia entre os seres vivos e a beleza do universo. Ou seja, a referência feminina à deusa carrega uma

magnitude referencial e unânime da cultura nordestina, ao conectar-se com a natureza regional. Essa conexão é comparável a própria beleza de Afrodite, despertando para o ouvinte a importância de se pensar na natureza com total encanto. De maneira clara, percebemos que o compositor busca transmitir em sua canção uma mensagem de identidade cultural, a partir de elementos como a cachoeira, o sol forte, o cipó pau e o lagarto que ilumina. Assim, a composição evoca a beleza da paisagem, característica do sertão nordestino e, ao mesmo tempo, faz referência à personagem feminina divina em sua simbologia plurissignificativa.

Do mesmo modo simbólico, analisaremos agora a música “Esta”, de Chico César (1996), demonstrando como essas canções fazem um atributo a essas representações culturais, mencionando a figura feminina como símbolo histórico evidenciado nas mais diversas narrativas míticas. Nesse contexto, observaremos todo um transcender de ideias e elementos que formam as várias expressões e visibilidade da mulher na Antiguidade clássica, como representação cultural e histórica, que moldaram a visão de mundo entre a cultura, com seus valores de representação da construção de realidade dentro nas narrativas constituídas do mito. Vejamos:

Nenhuma mulher me basta
Mesmo que se meta a besta
Mesmo que se finja casta
Venha rindo numa cesta
Hare-krishna, puta ou rasta
Dê-me prazer, reza, êxtase
Chegue quando o mal se afasta
Nenhuma mulher me basta

A não ser esta, assim é esta
A não ser esta, assim é esta

Que traga ouro na testa
Dê forma à disforme pasta
Seja a única que resta
De matéria que não gasta
Tenha gestos sem arestas
Arre na festa nefasta
Trigo pro pão, luz na fresta
Nenhuma mulher me basta

Fedra, Medéia, Jocasta
A cachorra da moléstia
Peste que me arrasta
Cura pra minha imodéstia
Couro de anja, pele de ginasta
Pôr-do-sol que resta
Sou sozinho, a vida é vasta
Nenhuma mulher me basta (César; 1996).

Na música “Esta”, de Chico César (1996), conseguimos observar uma suposta insatisfação e/ou insuficiência do eu-lírico com as mulheres mencionadas, diante d’Esta. Ou seja, descrevendo uma série de mulheres que não o satisfazem, mesmo que elas sejam bonitas, ricas ou com características exuberantes, ele procura, portanto, uma mulher ideal (Esta) com qualidades específicas que ele lista na própria música (“ter ouro na testa”, “gestos sem arestas” e “ser a única que resta”). Vemos também referências a personagens mitológicas, como Fedra, Medéia e Jocasta, e expressa seu desejo por uma cura para sua “imodéstia”.

E cada uma dessas personagens representa uma figura feminina forte e complexa da mitologia grega, sendo objeto de muitas narrativas e interpretações ao longo dos séculos. A jornada pela busca ideal retratada na canção evoca o mundo mítico, através de Fedra, Medeia e Jocasta, mulheres emblemáticas pela complexidade de suas histórias e a tragicidade presente em suas relações com os homens, construindo um tecido simbólico que dialoga com as questões de gênero ao longo da história. Medeia, por exemplo, foi uma princesa da Cólquida, que ajudou o herói Jasão a conquistar o Velocino de Ouro. E, apesar de seu papel inicial ao lado de Jasão, Medeia se depara com uma traição por parte dele. Essa situação, como sabemos, desencadeia uma transformação na personagem, que recorre à feitiçaria como forma de enfrentar as circunstâncias que a norteia. A partir de Jocasta, temos a representação da rainha de Tebas, que acabou se casando com seu próprio filho, involuntariamente, na história trágica de Édipo Rei. Por sofrer as consequências desse incesto, ela enfrenta dolorosas consequências desse incesto predestinado pelo destino de Édipo. E Fedra, uma princesa, filha de Minos, rei de Creta que se apaixonou pelo enteado Hipólito, filho de Teseu, mas acabou sendo rejeitada pelo próprio.

A presença dessas personagens na música faz-nos pensar em diversas interpretações acerca dessas referências abordadas, que evocam a complexidade e a riqueza da cultura grega da Antiguidade, assim como a capacidade das narrativas míticas de dialogar com temas universais como amor, traição, vingança e o destino, que, constantemente, rodeiam nessas narrativas femininas. Além disso, as mulheres míticas referidas podem ser vistas como exemplo de mulheres fortes e obstinadas, que desafiaram as normas sociais e culturais de suas respectivas épocas ao confrontar os desafios que surgiram.

3. Análise da representação feminina greco-romana em “Mulher nova, bonita e carinhosa”, de Zé Ramalho

Como dissemos anteriormente, as canções de Zé Ramalho são uma marca registrada do estilo musical, e a presença da mitologia se revela em variadas composições, em que também são nítidas as referências regionais do Nordeste. Em algumas delas, por exemplo, temos a intertextualidade com o cordel, que, como sabemos, possui relação significativa com

o universo mítico⁴. Os cordéis e os mitos têm uma relação e significância bastante interessante, pois ambos são formas de contar histórias, que foram transmitidos oralmente, ao longo dos anos, com raízes profundas na cultura popular de suas épocas originárias. Embora tenham algumas diferenças, como o formato e a estrutura, ambos os gêneros compartilham uma base cultural e histórica.

Quando os poetas populares começaram a escrever seus versos sobre a vida cotidiana, a religião, os personagens e outros temas importantes para o povo nordestino, os cordéis eram vendidos em lugares públicos, onde os poetas liam suas histórias em voz alta para atrair a atenção do público. Assim, conseguiam vender seus materiais, revelando histórias curiosas e interessantes acerca da realidade humana, ou inventários que traziam uma leveza em relação à literatura. Os mitos, por outro lado, são histórias com raízes profundas, na cultura antiga, e usados para explicar o mundo, sendo transmitidos oralmente e, muitas vezes, usados para ensinar lições morais e éticas sobre a vida humana.

Fazendo essa junção diante da canção e da literatura de cordel, ambas são formas de arte intimamente ligadas na cultura popular, pois se baseiam na tradição oral e possuem estruturas semelhantes. Muitas vezes, os cantadores de cordel utilizavam melodias para acompanhar seus versos, criando uma espécie de “cordel-cantado”, que era constantemente apreciado pelo público que os ouvia em feiras públicas. Entretanto, apesar de não termos atualmente uma demasiada notoriedade dos cordéis nos mercados/supermercados, ainda temos vestígios dessa cultura nos saberes das canções populares, que utilizam dessas rimas e referências, adaptadas facilmente às mudanças sociais e culturais do contexto histórico, buscando o envolvimento do saber popular e clássico sob diversos olhares que transcende as significações múltiplas do nosso universo mítico feminino.

Nesse sentido, em “Mulher nova, bonita e carinhosa”, Zé Ramalho (1982), a partir do cordel de Otacílio Batista, compõe a afamada música que faz referência à representação feminina na Antiguidade. Em sua produção, as personagens femininas são caracterizadas como jovens, belas e carinhosas, com toda uma idealização. Vejamos a seguir:

Numa luta de gregos e troianos,
Por Helena, a mulher de Menelau
Conta a história de um cavalo de pau
Terminava uma guerra de dez anos

Menelau, o maior dos espartanos
Venceu Páris, o grande sedutor
Humilhando a família de Heitor
Em defesa da honra caprichosa

⁴ Um exemplo dessa profícua relação dos cordéis com os mitos são os de João Martins de Ataíde, importante escritor de cordel brasileiro, que explorou em suas obras os personagens míticos, incorporando elementos de lendas populares, além de trazer também referência a temas da mitologia grega. Sugerimos, inclusive, para quem se interessar em aprofundar sobre o tema, a leitura do texto de Airan Borges Santos (2020), *Quando os deuses visitaram os sertões*: a Antiguidade Clássica nos cordéis de João Martins de Ataíde.

Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor

Alexandre, figura desumana
Fundador da famosa Alexandria
Conquistava na Grécia e destruía
Quase toda a população Tebana

A beleza atrativa de Roxana
Dominava o maior conquistador
E depois de vencê-la, o vencedor
Entregou-se à pagã mais que formosa

Mulher nova bonita...
Faz um homem gemer sem sentir dor

A mulher tem na face dois brilhantes
Condutores fiéis do seu destino
Quem não ama o sorriso feminino
Desconhece a poesia de Cervantes

A bravura dos grandes navegantes
Enfrentando a procela em seu furor
Se não fosse a mulher, mimosa flor
A história seria mentirosa

Mulher nova, bonita (e carinhosa)
Faz o homem gemer sem sentir dor

Virgulino Ferreira, o Lampião
Bandoleiro das selvas nordestinas
Sem temer a perigo nem ruínas
Foi o rei do cangaço no sertão

Mas um dia sentiu no coração
O feitiço atrativo do amor
A mulata da terra do condor
Dominava uma fera perigosa

Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor

Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer sem sentir dor

Mulher nova, bonita e carinhosa
Faz o homem gemer
Vamos terminar juntos
Sem sentir dor

Brigada
Brigada brigada (Ramalho; Batista, 1982).

Por meio da referência acima, percebemos que Helena, é colocada como motivo central da Guerra de Tróia, e, como sabemos, frequentemente e nos mais diversos contextos, a

mulher é usada como motivação para incitar os homens à luta. Percebe-se, pois, que a letra da música retrata a figura da mulher idealizada, que é jovem, bonita e carinhosa, dona de um “sorriso feminino”, que fascina e é dotada de beleza física, doçura e delicadeza.

Sob essa perspectiva, a composição acima exalta a impossibilidade do acontecimento ocorrido sem a participação da mulher, já que “Se não fosse a mulher, mimosa flor a história seria mentirosa”, ou seja, a participação feminina também se faz presente na historiografia que concerne o envolvimento de sua representatividade. Tudo isso nos revela uma ideia do feminino, na Antiguidade greco-romana, bem diferente de uma imagem meramente excluída, inferiorizada e menosprezada.

Toda essa representatividade se faz inerente ao sagrado feminino, que desenvolve características como fertilidade, amor, compaixão, sabedoria e poder, evocando a força e a beleza, já que nessa época as mulheres eram personagens essenciais, como vemos, por exemplo, nas tragédias. Assim, celebrar a beleza (física e espiritual) delas é reconhecer a complexidade da representação do feminino, não só na Antiguidade, mas em nossa contemporaneidade, conectando-nos com aspectos profundos da nossa própria natureza humana e ressignificando a própria história da humanidade como heroínas e partícipes fundamentais.

Conclusão

Em síntese, ao explorar a recepção do feminino greco-romano, nas canções selecionadas em nosso *corpus*, a exemplo de "Mulher nova, bonita e carinhosa", percebemos como a cultura clássica continua a influenciar a arte e a cultura popular brasileira, diversificando as suas referências, a partir das figuras mitológicas femininas. Tudo isso demonstra como a imagem, o estereótipo e o enigma da mulher na Antiguidade clássica ainda é relevante na sociedade contemporânea.

Contudo, podemos concluir que a recepção do feminino greco-romano na cultura não se limita apenas à beleza idealizada, as submissões patriarcais e obediências severas que, até então, nos foram contadas, mas também à complexidade e humanidade da figura feminina como participante de eventos e momentos que marcaram as histórias que hoje conhecemos. A partir dessas narrativas, essa reinterpretação da imagem feminina ajuda-nos a questionar os estereótipos de gênero e a compreender a diversidade da experiência humana como símbolos femininos que tangem nosso horizonte na redescoberta dessas personagens que eram esquecidas por uma sociedade que glorificava majoritariamente os homens e os deuses.

E, diante dessa conclusão, resumimos que o presente trabalho sobre os mitos e o cancionário, destaca as implicações para a compreensão da cultura popular e a sua relação com a cultura clássica greco-romana, não como uma hierarquia social, mas como uma cadeia rica de significados. O estudo também ressalta a importância das representações femininas nas canções para as questões de gênero e poder, na sociedade brasileira contemporânea, por nos fazer refletir sob um novo olhar representativo e histórico. Além disso, a análise intertextual nos permitiu explorar como essas referências são reinterpretadas e adaptadas para a cultura

local, revelando a capacidade da cultura popular de incorporar e contextualizar elementos de outras culturas e épocas, como vimos nas canções analisadas.

Por fim, é importante destacar que a análise apresentada neste artigo não esgota todas as possibilidades de interpretação dessas referências, na música popular brasileira, e que há sempre espaço para a exploração e o desenvolvimento de novas perspectivas, que não se limitam perante os estudos e a curiosidade acerca da história antiga da mitologia. Assim como cita Martha Robles (2019), em *Mulheres, mitos e deusas*, o feminino através dos tempos:

Nada ilustra melhor a missão feminina que a passagem da escuridão para a luz. Delineada para a reprodução, seu temperamento é dinâmico, enquanto o masculino tende a contemplar e se mover pela inspiração divina encarnada pela companheira. A nossa divindade é vigilante, legada à mulher para acentuar a natureza do ser e participar dessa forma primordial de criatividade, que é aquela própria da arte e da história (Robles, 2019, p. 16).

Portanto, esperamos que este estudo contribua para uma maior compreensão da relação entre a cultura greco-romana e a cultura popular brasileira, e incentive novas pesquisas sobre o tema que tenha como papel central a representação das mulheres nas artes em geral. E, a partir desse olhar sobre a *mimesis* artística, em nosso passado histórico, que possamos vislumbrar novos futuros em que o simbolismo feminino perpassa por um novo entendimento e, sobretudo, um encorajamento de ser mulher.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro. Chapecó: Argos, 2009.

ANDRADE, Marta Mega. *A “Cidade das Mulheres”*: a questão feminina e a pólis revisitada. Disponível em: https://www.academia.edu/827647/A_Cidade_das_mulheres_a_quest%C3%A3o_feminina_e_a_P%C3%B3lis_revisitada. Laboratório de História Antiga/UFRJ, 2003.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Vol 1. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CÉSAR, Chico. Esta. In: Cuzcuz clã, 1996. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-cesar/45195/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

BUARQUE, C.; BOAL, A. Mulheres de Atenas. In: *Meus caros amigos*, 1976. Disponível em: <http://letras.terra.com.br>. Acesso em: 04 abr. 2023.

MENDONÇA, Luciana Ferreira. *Literatura e oralidade*: da canção poética à canção popular. Campinas: UNICAMP, s/d.

MOURA, Verônica Fátima Gomes. *A Canção no Contexto das Relações da Poesia com a Música*. Anais. XII Congresso Internacional da ABRALIC/UFPR, 2011. UFPR. Disponível em: <https://abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0536-1.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2023.

PINHEIRO, Marcos Reis. Religião e Estética na Grécia antiga. *Revista Exagium*, v. 8, n. 8, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/exagium/article/view/5906>. Acesso em: 26 abr. 2023.

CÉSAR, Chico. *Esta*. 1996. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-cesar/45195/>. Acesso em: 11 ago. 2023.

RAMALHO, Zé; CORTÊS, Lula. *Pedra templo animal*. 1975. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/ze-ramalho/pedra-templo-animal/>. Acesso em: 03 abr. 2023.

RAMALHO, Zé; BATISTA, Otacílio. Mulher nova, bonita e carinhosa. In: *Mulher nova, bonita e carinhosa faz o homem gemer sem sentir dor*, 1982. Disponível em: <https://immub.org/album/mulher-nova-bonita-e-carinhosa-faz-o-homem-gemer-sem-sentir-dor>. Acesso em: 03 abr. 2023.

ROBLES, Martha. *Mulheres, Mitos e Deusas: o feminino através dos tempos*. São Paulo: Goya, 2019.

SANTOS, Airan Borges. *Quando os deuses visitaram os sertões: a Antiguidade Clássica nos cordéis de João Martins de Ataíde*. Rio de Janeiro: Phoenix, 2020.

Data de submissão: 04/05/2023

Data de aceite: 15/08/2023